

República de Moçambique
Ministério da Educação
Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação

**ABORDAGEM SOBRE
AS QUESTÕES DE
SSR/DTS/HIV/SIDA
NO ENSINO BÁSICO**

Elaborado por:

Helena Bila
Laura Gomes
Virgilio Juvane
Estela da Fonseca
Vladimir Kolesnikov

***PROGRAMA MULTISECTORIAL DE SAÚDE SEXUAL E
REPRODUTIVA/DTS/SIDA***

Maputo, 2002

Índice

I.	REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO MOÇAMBICANO.	3
II.	PRINCÍPIOS DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA DE DTS/ HIV/SIDA.....	7
III.	CONTEÚDOS A ABORDAR NO ENSINO BÁSICO RELATIVAMENTE A QUESTÕES DE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA (SSR) E DTS/HIV/SIDA.....	8
	1º CICLO.....	8
	2º CICLO.....	12
	3º CICLO.....	16
IV.	EXECUTORES DE ACÇÕES DE PREVENÇÃO NA ESCOLA: QUEM FAZ O QUE E COMO. Error! Bookmark not defined.	
V.	Referências Bibliográficas:.....	19

I. Reflexões sobre a Educação Sexual no Contexto Moçambicano.

Por Virgílio Juvane¹

Há uma certa novidade no conceito de direitos sexuais. Se a sexualidade e seu estudo advêm de dois séculos atrás, somente na última década é que os direitos sexuais entraram na agenda internacional enquanto um direito humano fundamental. A declaração universal dos direitos humanos de 1948 falava do direito à família, direito a educar os filhos, direito de expressão e direito de acesso às condições de saúde. O “s” de sexo só era colocado, nestes documentos, quando se referia ao sexo biológico e não à expressão da sexualidade. Assim, pouco ou nada se podia dizer dos deveres do Estado em prover a sociedade de condições objectivas de discussão sobre este tema no plano internacional.

Restringia-se, tal debate, aos grupos de activistas, pensadores e alguns governantes no debruçar sério e contundente necessário. Neste sentido, somente na Convenção de Viena em 1993, os grupos organizados de militância feminista conseguiram destacar questões relativas ao abuso sexual nos temas de eliminação da violência à mulher. O “S” de sexualidade ganha o espaço dos direitos humanos, ainda que não na sua dimensão do usufruir positivamente, mas de algo a ser evitado.

Este foi um passo fundamental para que na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento ocorrida no Cairo no ano seguinte (1994), pudéssemos ouvir avaliações como esta: “o documento do Cairo, incontestavelmente, é uma das declarações mais progressistas, reconhecendo a actividade sexual como um aspecto positivo da sociedade humana” (Barbosa, 1999).

Apesar destes avanços, todos nós sabemos que mesmo nos fóruns internacionais há um intenso debate na compreensão destes direitos sexuais que apareceram no texto inédito. Lembremo-nos de que em nenhum momento surgiu o conceito de “orientação sexual” nos documentos e que há várias manifestações de sectores do Vaticano e outros fundamentalistas, a minimizar os avanços obtidos e circunscrevendo-os tão-simplesmente àqueles unidos matrimonialmente no contrato homem-mulher, sob a égide da família nuclear.

Países como a Nigéria, Brasil e México, fortemente influenciados pela Igreja Católica, tem dificuldades em lidar com questões como aborto, educação sexual e sexo seguro. Os nigerianos, no componente étnico, passam por questões importantes, como a mutilação dos órgãos genitais femininos como forma de reprimir o prazer sexual das mulheres.

Este pequeno histórico pode parecer redundante para aqueles que militam pelos direitos sexuais e reprodutivos, mas de alguma maneira pode oferecer uma medida do contexto sob o qual se vive e do qual Moçambique também faz parte.

¹ Director Nacional de Planificação do Ministério da Educação

Afinal, na discussão dos direitos humanos sempre debatemos sobre as generalidades dos indivíduos e na capacidade e competência do Estado em legislar sobre estas. Se por um lado, devemos defender os direitos humanos fundamentais no que se refere aos aspectos da sua colectividade, como devemos agir quando estes mesmos direitos incidem naqueles dos cidadãos comuns, que manifestam as suas práticas sexuais de maneira singular, ainda que intrinsecamente relacionadas a sua cultura e história?

Talvez aqui resida o primeiro ponto a ser demarcado: **a sexualidade é determinada histórica e culturalmente**, num dado contexto social. Se sua expressão se dá nas práticas e costumes de uma sociedade, ou mesmo de um grupo ou de um só indivíduo, qual será o papel da educação formal, aquela que é prescrita pela sociedade através de sua representação organizada, concretizada no Estado? E como o Estado deverá construir a sua proposta educativa para discutir um direito humano fundamental, para formar indivíduos não somente para “reificar” a prática do dia-a-dia, mas a de transformá-la?

Para tanto, não há como esquecer que no caso moçambicano, e de tantas outras sociedades, há uma sobreposição entre os direitos sexuais, a norma familiar e os códigos de género. Neste sentido, estão mutuamente interrelacionados. Qualquer proposição na política educacional que dissocie estes elementos não estará contribuindo nem para a política, nem para a educação.

A educação é o maior instrumento de transformação social de uma nação. Marca definitivamente que tipo de sociedade e cidadão se quer construir e, para tal, requer uma política educacional. Quando debatemos a educação familiar, está-se a falar qual o tipo e qualidade de relações sociais que se almeja e não cabe à educação a neutralidade. Há que se provê-la de intencionalidade. Na educação subjaz intenção de fazer com que o indivíduo saia de um estágio no seu desenvolvimento e venha a ocupar um outro estágio, mais esclarecido e consciente.

Se há uma superposição entre educação sexual, relações de género e vida familiar, precisamos de um modelo de intervenção que possa tocar nestes eixos de maneira a alterar a actual equação. Necessita-se assim, de uma política pública de educação que transforme esta realidade. Digo alterar porque não estamos de modo algum contentes com esta que aí encontramos. Os casos de aborto, segunda causa de morte entre meninas menores de 20 anos em Moçambique e a enormidade e desafio que o SIDA nos impõe, apontam a necessidade de promoção de uma mudança de comportamento.

Assim, para que possamos de facto falar de uma abordagem mais compreensiva da sexualidade na adolescência teremos que enfrentar:

- a. Os tabus que impedem que estes assuntos possam sair da esfera privada, e passem a ocupar o espaço público, a encontrar uma sociedade mais receptiva;
- b. A revisão das normas impositivas de um conceito de família;

- c. Abordar de maneira enfática as questões de género, que colocam as raparigas para fora da escola. Ainda mais quando os sinais de que se usufruiu o chamado “fruto proibido” - substanciada numa gravidez prematura – as raparigas são mandadas para fora da escola, como se a expressão da sexualidade fosse algo para ser mantido fora do espaço público formal;
- d. O duplo padrão de moralidade que há em Moçambique que, se é comum em outros países, no nosso assume um carácter extremado. Ao mesmo tempo em que se proclama a fidelidade, a poligamia é absolutamente frequente. Ao mesmo tempo em que se deseja atrasar o início da actividade sexual nas crianças, há uma série de ritos de iniciação que promovem o início da vida sexual para antes mesmo do período da adolescência, tanto para rapazes quanto para raparigas.
- e. Rever o papel da escola na formação de cidadãos, para que possa prover estes jovens de ter condições de fazer uma escolha consciente, mais do que simplesmente reiterar o “senso comum” no qual padrão familiar, género e o duplo padrão moral estão presentes e colocam em risco os direitos sexuais e humanos mínimos.
- f. Reciclar os professores, para que estes possam rediscutir seus valores e atitudes com vista a conseguir promover a educação sexual de maneira mais compreensiva e aberta às diferenças e escolhas individuais. Para tanto, há necessidade do professor rever o seu papel e sua interrelação com o aluno.
- g. Fazer ressoar a ideia de que todas as gerações são “da esperança”, e não somente aqueles menores de 10 anos. Assim, todos os estudantes devem receber educação em DTS/SIDA de forma sistematizada e científica. Esta é uma questão fundamental dos direitos humanos, em que não cabe ao Estado deixar “à sua própria sorte” qualquer dos seus cidadãos.

Alguns passos já foram dados. A introdução de tais temas nos currículos da educação básica está em processo. Parte deste tempo escolar será ocupado pelas próprias questões relativas às necessidades locais, no chamado *currículo local*.

Há que se ser ainda mais ousado quando iniciar o mesmo processo para a educação secundária. Envolver os pais e líderes locais neste debate é crucial para se construir novos valores. Como a epidemia de SIDA não permite sequer pensar em adiar iniciativas, há necessidade de se introduzir actividades extracurriculares em todo o país, com os conteúdos de saúde sexual e reprodutiva e prevenção as DTS/SIDA. Há, nesta iniciativa, um forte componente de educação sexual.

Discutir sexualidade hoje no contexto moçambicano remete imediatamente aos riscos à saúde. Portanto, a introdução destes temas no currículo escolar pode oferecer um espaço mais sustentável a médio e longo prazo e, talvez, num contexto mais favorável à discussão da liberdade plena do indivíduo em gozar da sua sexualidade e na capacidade de oferecer/receber prazer do outro e para o outro.

Para esta perspectiva ser adequada no combate ao SIDA, há que se promover uma abordagem preventiva que promova a decisão informada sobre o exercício da sexualidade por parte dos nossos adolescentes, distanciando-se de uma única solução possível e aproximando-os de alternativas que reduzam o risco. Que os jovens tenham consciência ampliada sobre estes riscos e adotem as medidas adequadas e possíveis frente à sua cultura e aos seus próprios valores.

Tudo isto requer uma resposta multisectorial. Do governo, com políticas públicas firmes e comprometidas com a mudança. Da sociedade civil, com seu envolvimento neste debate. Mas também da interlocução constante entre estes sectores, com a protagonização dos próprios jovens neste processo.

Assim, teremos não somente uma educação sexual, mas sim uma educação para a vida e a democratização do processo de decisão. Educação sexual é um direito humano fundamental, tendo como força motriz a conquista da cidadania de todos os cidadãos e o pleno gozo no exercício destes direitos.

II. Princípios de Educação Preventiva em Saúde Sexual e Reprodutiva e DTS/HIV/SIDA

Por Helena Bila²

Estes princípios estão de acordo com as políticas educacionais propostas pelo Ministério da Educação, e com aqueles que versam sobre os direitos humanos resolvidos nas Assembleias das Nações Unidas. São eles:

1. Educação de qualidade aceitável. Este princípio é de uma importância crítica para o alcance do objectivo central do Governo de redução de pobreza, uma vez que o reforço dos conhecimentos e a formação dos cidadãos moçambicanos vão expandir o seu acesso a meios de sobrevivência sustentáveis (PEE 1997-2001 pág. 9).
2. Informação sem qualquer restrição (DUDH art. 19). Trabalhar tendo em conta que a comunidade escolar tem direito a informação correcta sobre o HIV/SIDA.
3. Combate ao SIDA com vista a contribuir para a redução da pobreza. O combate ao SIDA concorre para a diminuição da mortalidade precoce, proporcionando a retenção da mão-de-obra que trabalha para o enriquecimento da Nação.
4. Colocação do ser Humano no centro das preocupações.
5. Não marginalização dos portadores do HIV/SIDA.
6. Protecção de todo o ser humano contra qualquer ameaça vital, concentrando os esforços de modo a reduzir novas infecções por DTS/HIV/SIDA.
7. Incremento do acesso à informação científica e aos recursos de prevenção, como preservativos, materiais educativos e testes serológicos. A informação deve ser desprovida de julgamentos morais e/ou religiosos, devendo-se oferecer todos os recursos necessários e disponíveis à educação do jovem.
8. Consciencialização da população escolar concernente à vulnerabilidade individual e colectiva.

² Técnica do Departamento de Desenvolvimento Curricular – Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (MINED)

III. Conteúdos e Habilidades a serem desenvolvidas no Ensino Básico relativamente às Questões de Saúde Sexual e Reprodutiva e DTS/HIV/SIDA

Laura Gomes³
Estela da Fonseca³
Vladimir Kolesnikov³

As directrizes de abordagem dos conteúdos relacionados à Saúde Sexual e Reprodutiva das crianças e adolescentes apresentadas neste texto foram extraídas do Programa do Ensino Básico a ser implementado a partir de 2004 em todo o país.

Não podemos esquecer que tais conteúdos foram concebidos para alunos com idade escolar compreendidas entre os 7 e os 17 anos. Sabendo que há alunos com idades superiores nas diferentes classes, consoante as diferentes realidades onde estes se encontram, deve-se procurar adaptar estes conteúdos conforme cada situação.

Por fim, apontaremos em cada ciclo a fase dominante do desenvolvimento do aparelho cognitivo, o que poderá facilitar na selecção de conteúdos para cada faixa etária.

1º CICLO

O I Ciclo compreende as duas primeiras classes do chamado Ensino Primário do 1º Grau (EP1). As crianças nesta fase possuem, preferencialmente, de 6 a 9 anos de idade. Somente para recordar, já ultrapassaram o período sensório-motor característico dos primeiros 1 ½ ano de vida e um outro período (dos 2 aos 5 anos) no qual a criança começa a desenvolver a inteligência para operações concretas. Neste momento, entre os 6 e 8 anos de idade, a criança se encontra em outro estágio, ainda o de desenvolver operações concretas, mas agregando operações mentais que impliquem agrupamentos operacionais e conservação. Neste estágio pode-se falar que há o desenvolvimento da identidade, regulada pelo tempo e espaço.

TEMAS A SEREM TRABALHADOS POR CLASSE

1ª Classe

Inicia-se a abordagem de higiene do corpo, com os objectivos de desenvolver o sentido de responsabilidade e prática de higiene do corpo. Os conteúdos são: as principais partes do corpo humano, limpeza dos principais membros, uso dos aparelhos de limpeza.

Sugere-se que se adopte estes temas de modo a fazer com que os estudantes reconheçam a maneira pela qual estes estão a realizar a tarefa de higiene do corpo. Espera-se que os alunos identifiquem e reconheçam as principais partes do corpo e cuidados de higiene do corpo e desenvolvam a habilidade de aplicar as regras de higiene do corpo. Assim, procura-se enfatizar a questão do auto-cuidado e auto-estima, essenciais para promover um indivíduo capaz de cuidar de si e ter o sentido da prevenção.

Inicia-se também a discussão de género, essencialmente nas características que diferem meninos e meninas do ponto de vista mais biológico, relacionado ao corpo. Procura-se desenvolver a habilidade de encontrar em que plano do corpo físico se diferenciam. Já há uma ênfase de se perceber da frequência na sala de aula para meninos e meninas, apontando para futuras discussões de género.

Outro tema abordado é o do apresentar aos alunos a necessidade de se recorrer aos serviços de saúde e sua importância para a comunidade.

De 1ª a 2ª Classes, a Disciplina de Ciências Naturais ainda não aparece como disciplina, no entanto, entretanto as questões relacionadas com esta são abordadas na Disciplina de Português, Educação Visual e Estética, Educação Física e Matemática. Algumas habilidades para a vida específicas podem ser desenvolvidas especialmente nesta fase:

2ª Classe

No tema higiene do corpo, introduz-se o subtema dos riscos do meio externo à saúde do indivíduo. Neste sentido, começa-se a explorar as medidas de prevenção frente a tais riscos. Isto contribui para que o jovem possa reconhecer que, apesar dos riscos externos existentes, há a possibilidade de acção do indivíduo de modo a minimizá-los ou mesmo extinguí-los.

No que se refere ao corpo humano, deve-se iniciar não só o reconhecimento das partes do corpo, mas também a de perceber como estas partes se integram do ponto de vista fisiológico. Para as questões de SSR, oferecem uma base para as discussões futuras sobre o funcionamento do corpo e a expressão deste conforme as idades.

Da mesma maneira, inicia-se aqui a preocupação do cuidado com o outro e com o ambiente. Este é outro elemento fundamental para a construção de um indivíduo que respeite a si e ao outro, questão fundamental para o exercício futuro da saúde sexual, que é a capacidade de dar e receber prazer. Estes conteúdos também são apresentados nos termos que se referem ao ambiente (cuidados com água, e outros).

Nesta classe, aborda-se também a questão do auto-descobrimento, na qual se regista as fases de mudança desde o nascimento e a percepção destas mudanças. Este ponto é importante no que se refere às mudanças de fase, ainda mais quando se for discutir aquelas de transição.

HABILIDADES PARA A VIDA A SEREM DESENVOLVIDAS JUNTO AOS ALUNOS DO 1º CICLO

Primeiramente é importante apontarmos alguns dos referenciais que marcam o conceito de habilidades para a vida para compreendermos sua importância ao falarmos de mudança e manutenção de comportamentos mais seguros e saudáveis.

O treino de "habilidades para a vida" mereceu especial atenção entre os educadores nos últimos anos. Estas habilidades são fundamentais para enfrentar a vida, pois sugerem a habilidade de fazer, não somente de compreender. Em boa parte da resposta de prevenção ao SIDA em todo mundo houve uma ênfase importante na passagem do conhecimento às populações. Entretanto, viu-se em não muito tempo que apesar de possuir o conhecimento, as pessoas não mudavam de comportamento. Isto porque as dificuldades em adoptar uma mudança não dependia exclusivamente de conhecimento, e sim, baseavam-se nos entraves socioculturais e na maneira singular com que cada pessoa actuava em relação a estes.

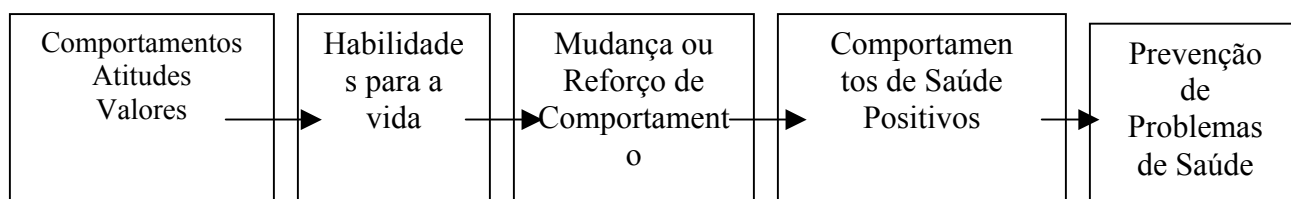
A capacitação em matéria de habilidades em sexualidade, saúde sexual e reprodutiva apoia-se em procedimentos metodológicos que pretendem ajudar adolescentes e jovens a adoptarem comportamentos flexíveis e positivos e a desenvolver habilidades relevantes à sua vida cotidiana.

As Habilidades que poderão ser mencionadas como habilidades para a vida são inúmeras, e a sua natureza e definição diferem de cultura para cultura. Contudo, a área de análise das habilidades para a vida sugere que existe um grupo de habilidades necessárias, abaixo mencionadas:

- Tomada de decisão - Resolução de problemas
- Pensamento criativo - Pensamento crítico
- Clarificação de valores
- Auto-estima - Assertividade - Negociação
- Comunicação efectiva - Relações interpessoais
- Empowerment ou Potencialização

As Habilidades para a Vida são individuais; são a transferência de conhecimentos, atitudes e valores em habilidades para responder ao “*o que fazer e como fazer*”..

O modelo abaixo mostra o lugar das Habilidades para a Vida como uma ligação de motivação de factores de conhecimento, de atitudes e valores e comportamento saudável.



A efectiva aquisição e aplicação de habilidades pode influenciar a forma como nos sentimos acerca de nós próprios e dos outros e influência também a forma como os outros nos vêem. Habilidades para a Vida contribuem para a percepção de auto-eficácia, auto-confiança e auto-estima.

Ao final da exposição dos conteúdos apontados para cada ciclo encontrar-se-á um quadro no qual procura-se apontar as principais habilidades que devem ser treinadas junto aos alunos.

HABILIDADES PARA A VIDA DIRECCIONADAS AOS ALUNOS DO 1º CICLO

1) Comunicação Oral:

- Expressar-se por iniciativa própria:
 - Em pequeno ou em grande grupo: organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens; na realização de projectos ou de actividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).
 - Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
 - Comunicar oralmente descobertas realizadas pelo aluno.
 - Contar histórias inventadas.
 - Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces de histórias).
 - Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, desenhos, pinturas...).
 - Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos...).
 - Regular a participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros).

2) Valores:

- Reconhecer semelhanças e diferenças entre si, outras crianças e as pessoas que o cercam, identificando-se como parte formadora de um grupo, com o objectivo de valorizar seu nome e entendendo que o seu sobrenome faz parte de sua história pessoal
- Reconhecer as regras básicas de convivência na comunidade;
- Sentimentos, desejos e atitudes: amor envolve alegrias e responsabilidades; existem diferentes formas de amor (pais, irmãos, familiares e amigos).
- Membros da família: familiares e amigos ajudam-se mutuamente; relações de amor durante toda a vida.
- Actividades domésticas/relações na família: não existe trabalho só para homens e só para mulheres;
- Identificar as características particulares do ser humano quanto ao sexo, idade e etnia

3) Empowerment:

4) Auto-estima

- Perceber algumas transformações que ocorrem no corpo e no comportamento de homem e mulher nas diferentes fases da vida - ao nascer, na infância, na juventude, na idade de adulto e na velhice – para valorizar e respeitar as diferenças individuais
- Adquirir hábitos alimentares adequados como factor essencial para o crescimento e desenvolvimento, assim como para a prevenção das doenças
- Desenvolver a responsabilidade no cuidado com o próprio corpo e com os espaços que habita, valorizando atitudes e comportamentos em relação à alimentação e à higiene pessoal

5) Tomada de Decisões

O aluno deve conseguir estabelecer metas a alcançar:

- Cada pessoa deve estabelecer objectivos/metast na sua vida
- É fácil atingir os objectivos se se resolver um aspecto de cada vez
- A tomada de decisões pode afectar a concretização de objectivos em longo prazo
- A definição de metas dá um sentido e direcção na execução das actividades
- Cada pessoa deve tomar decisões
- Todas as decisões têm consequências
- Tomada de decisões são habilidades que podem ser melhoradas
- As crianças necessitam dos adultos para tomarem decisões

2º CICLO

Compreende o período que vai da 3ª à 5ª classe do EP1. As crianças aqui já podem ser consideradas pré-adolescentes, possuindo de 9 a 12 anos (se considerarmos que não houve perdas de anos escolares por parte dos alunos). Importante apontar que em muitas das escolas do país já encontramos alunos com idades superiores àquela acima apontada. É uma fase de preparação ao pensamento abstracto e formal que virá a se consolidar no meio-período da adolescência.

3ª classe

Somente nesta classe é que se deve introduzir a noção de micróbios, do ponto de vista dos causadores de doença e as maneiras pelas quais se pode evitá-los. Nas classes anteriores

se procura construir uma base de promoção de saúde, para depois se apontar os riscos e danos à saúde do indivíduo. Construi-se assim a percepção mais sólida voltada à prevenção.

Aponta-se também nesta classe o reconhecimento da importância do lazer e convivência social enquanto elementos importantes da promoção da saúde, bem como os cuidados com a roupa e higiene pessoal.

O autodescobrimento procura englobar o desenvolvimento das diversas fases da vida. Em todos estes temas, o professor deve começar a abordar o assunto sobre a transmissão possível de várias doenças através da água, objectos ambientais (latas com lixo, casa de banhos sujas, etc.), especialmente, através dos contactos entre os corpos (de uma pessoa para outra)

4ª Classe

Há ênfase nos órgãos dos sentidos, e dão-nos a dimensão do meio que nos rodeia e a sua importância na comunicação com o outro. Estes pontos compõem também a sexualidade e a maneira pela qual nos comunicamos para além do código verbal.

Aprofunda-se também a noção de cuidados com o ambiente e com o lixo, que afectam a qualidade de vida dos cidadãos.

O conceito de saúde e de doença, conhecimento das principais doenças, medidas de profilaxia e os modos de transmissão são apresentados de forma sistemática. O SIDA encontra-se entre aquelas que aqui devem ser abordadas.

Há ainda nesta classe o conteúdo de auto-estima, em que se espera que os alunos desenvolvam a habilidade de respeitar-se a si próprio e ao próximo. Entendendo que a capacidade de se prevenir passa pela crença e atitudes, auto-eficácia na resolução de parte do problema e auto-cuidado, estes conteúdos são fundamentos significativos da prevenção e da promoção de saúde.

5ª Classe

Espera-se que o aluno possa actuar na sua comunidade na preservação do ambiente, o que oferece os parâmetros para os momentos nos quais os alunos têm condições de actuar neste tipo de actividade.

Neste momento, procura-se apontar a questão da nutrição às necessidades alimentares da mulher grávida. Discutem-se também os tabus relacionados a esta questão, o que também pode oferecer campo de discussão em relação ao conhecimento tradicional e o científico.

No que se refere ao corpo humano dá-se, neste momento, maior ênfase à fisiologia dos aparelhos. Pode-se discutir o funcionamento do aparelho reprodutor e sua relação com a sexualidade.

Importante apontar que é nesta classe que se discute de maneira mais apropriada as seguintes questões:

- Gravidez na adolescência
- Transformações na puberdade
- Gravidez e parto
- Paternidade responsável
- Higiene dos órgãos genitais

Espera-se que o estudante conheça e apresente habilidades de evitar a gravidez na adolescência.

O capítulo SIDA deve ser discutido de forma enfática, tanto na sua transmissão e prevenção como na solidariedade para aqueles já afectados. Discute-se também outras doenças contagiosas, podendo-se apontar para aquelas infecciosas, como as DTS.

Nesta classe, o professor já pode destacar o Homem como um dos objectos ambientais, aliás, mais poderoso no seu comportamento, tanto em relação ao ambiente como também ao seu próprio corpo. A preservação da Natureza em geral depende deste comportamento. A doença Humana não tratada por causa de falta dos medicamentos ou mesmo por ignorância passa a ser uma das causas principais da infecção da população e como consequência da Natureza.

HABILIDADES PARA A VIDA DIRECCIONADAS AOS ALUNOS DO 2º CICLO

1) Comunicação Oral:

Expressar-se por iniciativa própria:

- Em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates).
 - No âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - Na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos.
- Contar histórias inventadas.
- Completar histórias (a partir do seu desenlace, criando cenários, lugar, tempo, acções, personagens).
- Recriar histórias (transformando personagens: animais em pessoas, em animais fantásticos, em pessoas fantásticas...).
- Imaginar uma história (a partir da ilustração da capa de um livro, a partir do título de uma história, a partir da descrição das personagens) e compará-la com o texto original.
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).

2) Valores:

- Valores são crenças que as sociedades têm acerca de assuntos importantes
- Pessoa e famílias têm valores diferentes
- Relações de parentesco, representar a família: cada membro da família tem direitos e deveres; famílias criam normas que lhes permitem viver em conjunto; membros da família cuidam uns dos outros; cada membro da família pode demonstrar amor de diferentes formas; famílias ensinam valores às crianças.
- Diversidade cultural: reconhecer as diferenças ajuda as pessoas a compreenderem-se melhor; todas as pessoas devem ser tratadas da mesma maneira; todas as pessoas e famílias têm os mesmos valores e hábitos culturais; cada cultura tem as suas normas e tabus sobre a sexualidade; conhecer aspectos culturais dos grupos que vivem na sua comunidade/bairro (gastronomia, música, dança e costumes);
- Incluir direitos das crianças, direitos sexuais (devem ser bem especificados que direitos se pretendem incluir) no meio da família;
-

4) Tomada de decisões

- Cada pessoa deve tomar decisões
- Todas as decisões têm consequências
- Tomada de decisões são habilidades que podem ser melhoradas
- As crianças necessitam dos adultos para tomarem decisões

5) Auto-estima

- Perceber algumas transformações que ocorrem no corpo e no comportamento de homem e mulher nas diferentes fases da vida - ao nascer, na infância, na juventude, na idade de adulto e na velhice – para valorizar e respeitar as diferenças individuais
- Adquirir hábitos alimentares adequados como factor essencial para o crescimento e desenvolvimento, assim como para a prevenção das doenças
- Desenvolver a responsabilidade no cuidado com o próprio corpo e com os espaços que habita, valorizando atitudes e comportamentos em relação à alimentação e à higiene pessoal

6) Procurar Ajuda

- Serviços sociais: incentivar os alunos a dirigirem-se aos postos de saúde e hospitais para receber informações precisas junto das pessoas especializadas na matéria; convidar os agentes da Saúde para orientar palestras e debates sobre SSR.

3º CICLO

Alguns temas do 3º Ciclo, devido ao carácter cíclico do programa de Ciências Naturais, já foram abordados nas classes anteriores. Entretanto as características de idade dos alunos neste período de Ensino-Aprendizagem são mais desenvolvidas e permitem colocar as questões de SSR/DTS e do SIDA mais complexas e no nível mais alto de apresentação, usando, às vezes, a própria experiência dos alunos.

6ª classe

Compreende a 6ª e 7ª classe do chamado Ensino Primário do 2º Grau (EP2). Os alunos possuem de 12 a 17 anos de idade. Estes adolescentes se encontram na fase de aquisição do pensamento lógico abstracto, ou seja, do pleno desenvolvimento de um aparelho cognitivo capaz de compreender e processar a partir de teorias e conceitos abstractos (como justiça, cidadania, saúde, sexualidade).

No que se refere ao ambiente, apresenta-se mais intensamente os componentes de contaminação da água, do solo, ou seja, ambiente.

A importância do leite materno para a alimentação do bebé faz parte do conteúdo desta classe, no qual se espera que o aluno desenvolva a habilidade de divulgar tais conteúdos na sua família. Neste momento o aluno deve também conhecer a importância da vacinação e do seu calendário.

No que se refere aos aspectos da sexualidade, nesta classe se discute o fenómeno da menstruação, sob enfoque biopsicossocial. Além disto, são discutidos os ritos de iniciação e os factores que influenciam na tomada de decisão nos aspectos de saúde sexual e reprodutiva, envolvendo vários intervenientes neste processo.

O aluno deve reconhecer que as responsabilidades na prevenção de HIV/DST/SIDA e gravidez são tanto do homem como da mulher. Há também o enfoque no desenvolvimento de habilidades para a vida nas escolhas e decisões quanto a actividade sexual, principalmente no que se refere às pressões de grupo. Isto se consolida também no desenvolvimento de habilidades para conseguir ir a busca de serviços, visando o aconselhamento, em particular antes de iniciar a actividade sexual. Devem ser, também, serem apresentados os métodos contraceptivos.

Destacam-se as necessidades voltadas à saúde da mulher e o planeamento familiar. Neste ponto, de maneira mais enfática, são apresentados conteúdos para que os alunos discutam a problemática de uma gravidez indesejada, especialmente durante a adolescência.

Nesta etapa de implementação do programa SSR/DTS/HIV/SIDA, na escola, o professor deve sublinhar os aspectos mais ligados com a idade dos alunos. Os autores deste Guia, são de opinião de que em primeiro lugar o professor deve falar sobre a abstinência sexual no sentido de não praticar as relações sexuais antes do casamento, e depois falar sobre os métodos contraceptivos. O professor deve chamar atenção dos alunos que estes métodos servem para a prevenção das DTS e do SIDA.

Hoje em dia, o método seguro, e quase absoluto de prevenção das DTS continua a ser o preservativo masculino. Durante o estudo do tema é desejável começar a formação de habilidades nos alunos, em todos os casos ligados com o problemas sexuais, saúde reprodutiva e não só. Eles devem ser informados sobre a busca de aconselhamento nas “especialistas” por exemplo nos Centros de aconselhamento, Hospitais e ainda receber informação nos Centros de Documentação. Estas habilidades, na sua formação correcta durante o Ensino Aprendizagem no ensino Básico e no Ensino Secundário, podem passar para uma atitude positiva quando o aluno acabar a escola o que dará uma boa contribuição na luta contra as DTS e o SIDA em Moçambique.

7ª Classe

Apresentam-se aqui as principais drogas lícitas e ilícitas e sua problemática voltada à saúde do adolescência, sendo capaz de resistir à pressão do grupo quanto ao seu consumo.

Procura-se relacionar os aspectos sentimentais que envolvem a sexualidade, como namoro e amizade. Valoriza-se o papel dos pais como conselheiros e amigos. O aluno deve ser capaz de denunciar casos de violência e assédio sexual, envolvendo aqui aspectos que passem pela auto-estima.

Discute-se também a questão da orientação sexual e diversidade de escolhas. Note-se que no conceito de saúde sexual, que é a livre escolha do parceiro, tal dimensão voltada à compreensão da diferença pode ser importante não só na prevenção de SIDA como também a da tolerância para com um “outro diferente” e, assim, prevenir a própria violência sexual ou mesmo urbana.

Outros conceitos discutidos são: diferenciação entre sexo de sexualidade, virgindade e ritos sexuais, e auto-erotização (ou masturbação).

Há informação importante pode ainda ser encontrada nos Centros de Documentação das escolas e nas Bibliotecas. Falando sobre os outros conteúdo deste tema o professor deve reflectir sobre o problema de SSR/DTS/HIV/SIDA sempre que possível.

HABILIDADES PARA A VIDA DIRECCIONADAS AOS ALUNOS DO 3º CICLO

1) Comunicação:

Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza

Expressar-se por iniciativa própria:

- Em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates).
- Formular recados, avisos, instruções.
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos.
- Participar na elaboração oral de histórias, relatos, resumos.
- Completar histórias (a partir do seu desenlace, criando cenários, lugar, tempo, acções, personagens).
- Recriar histórias (transformando personagens: animais em pessoas, em animais fantásticos, em pessoas fantásticas...).
- Imaginar uma história (a partir da ilustração da capa de um livro, a partir do título de uma história, a partir da descrição das personagens) e compará-la com o texto original.
- Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os continuar ou melhorar, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar.
- Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).
- Algumas vezes quando duas falam não se entendem uma a outra
- Por vezes as pessoas comunicam os seus sentimentos numa linguagem não verbal
- Desentendimentos por vezes ocorrem por fraca comunicação
- As pessoas podem aprender a comunicar correctamente

1) Valores

- Valores ajudam-nos a saber como actuar e a interagir com os outros
- Muitos pais gostam que os filhos desenvolvam valores semelhantes aos deles
- Membros da mesma família podem ter diferentes valores
- As crianças recebem a maior parte dos valores dos seus pais, outros membros da família, comunidade, cultura, religião, da informação e de colegas.
- Todos incluindo as crianças têm direitos
- É de direito dizer em quem se confia sobre os nossos sentimentos e necessidades

2) Auto-estima

- A auto-estima tem a ver com a tradição, aspectos sócio-económicos e culturais.
- Uma família estável e que se ame influencia positivamente na auto-estima
- O que pensamos de nós influencia no que os outros pensam sobre nós
- Baixa auto-estima dificulta a tomada de decisões

3) Metas a alcançar

- Ter clareza com o que se pretende alcançar
- Estabelecer limites para alcançar metas
- Ser determinado para atingir determinados objectivos

4) Tomada de decisões

- Para tomar uma boa decisão deve-se ter em conta todas as consequências
- Cada um é responsável pelas consequências das suas decisões

6) Assertividade

- Ser assertivo significa dizer o que se pensa, sente e o que se quer sem ser agressivo.
- Ser assertivo não significa que a pessoa vai ter sempre o que deseja

7) Procura de ajuda

- As crianças poderão ajudar alguém com problemas

IV. Referências Bibliográficas

1. Carmichael, Leonard. Desenvolvimento Cognitivo 4. São Paulo: EPU, 1975.
2. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Programa do Ensino Básico, 2001.
2. Piaget, Jean. Desenvolvimento do Pensamento. Lisboa: Pub Dom Quixote, 1977.
3. Declaração Universal dos Direitos Humanos.
4. Plano Estratégico da Educação 1997-2001.

Na elaboração deste Guia foram usados alguns outros materiais elaborados por MINED, INDE e Projecto da Integração dos Conteúdos de SSR, DTS/HIV/SIDA (MINED/INDE/FNUAP).